

10899 - Matinfeira: interação de educandos em Agroecologia com agricultores familiares do litoral paranaense, em um ambiente de relações econômicas e sociais da comunidade de Matinhos/PR

DAHMER, Gilson W.¹; ROCHA, Marilene do Rocio²; BICA, Gabriela S.³;

1 Tecnólogo em Agroecologia, UFPR Setor Litoral, gwdahmer@gmail.com; 2 Tecnólogo em Agroecologia, UFPR Setor Litoral, maridorocio@hotmail.com; 3 Zootecnista, Docente da UFPR Setor Litoral, bica@ufpr.br

Resumo

As feiras livres colaboram na geração da renda das famílias que vivem da agricultura familiar, possibilitando a venda direta de produtos ao consumidor final, além de eliminar os custos de transporte aos centros comerciais e de embalagens refinadas. Este relato apresenta a participação de um grupo de estudantes universitários na MATINFEIRA - Feira Livre de Matinhos/PR, por meio da gestão de uma barraca onde eram expostos, comercializados e trocados produtos agrícolas regionais. Durante dois anos de experiência foi possível registrar o movimento diário de pessoas e atividades, aplicar questionários para consumidores e feirantes, participar das reuniões da Associação de Produtores, aprofundar conhecimentos teóricos, realizar diagnósticos e avaliações participativas do processo entre feirantes, estudantes e docentes, dados estes que permitiram avaliar a Feira e entender os processos que envolvem este tipo de atividade. Com isso foi possível conhecer e compreender as relações entre consumidores e mercados alternativos, e fortalecer uma proposta de produção e comercialização agroecológica no âmbito do Litoral do Paraná.

Palavras -Chave: venda direta, agricultura familiar, feira livre, litoral paranaense.

Contexto

O litoral paranaense possui particularidades históricas, culturais e geográficas que influenciam nas atividades agrícolas. Caracterizado como uma planície litorânea, limitado pelo oceano Atlântico a leste e pela Serra do Mar a oeste, com fortes efeitos antrópicos motivados pela histórica exploração dos recursos naturais durante os séculos de colonização portuguesa (ADAMS, 2000; BIGARELLA, 2006); pela pressão exercida com a agropecuária extensiva incentivada pelo governo imperial no século XVIII (CARDOSO, 1986; SOARES, 1994 e BIGARELLA, 2006) e atualmente, pela grande especulação imobiliária que se instalou a partir da metade do século XX.

Para preservar um pouco da rica biodiversidade desta região, a partir de 1970, foram instituídas diversas Áreas de Preservação Permanente (APP) e Áreas de Proteção Ambiental (APA) da Mata Atlântica e da Restinga, biomas predominantes no litoral (ATLAS DA FLORESTA ATLÂNTICA, 2005). Porém, este processo colaborou na marginalização dos agricultores tradicionais instalados nestas áreas, pois sua promulgação não considerou o fator humano envolvido neste espaço.

Atualmente podemos perceber os reflexos destas ações na degradação cultural dos povos tradicionais e na discrepância social encontrada em todos os municípios do litoral do Paraná. Fatores relacionados com a produção e a comercialização dos produtos da

agricultura familiar, onde a tradição cultural do associativismo, da harmonia com a natureza, da comunhão do espaço de produção, proporcionados pelo modo de vida das comunidades tradicionais (ADAMS, 2000; SONDA, 2006; FERREIRA, 2010), foram sobrepujados pela competitividade, pela exploração dos recursos e pela apropriação da terra principalmente nas áreas rurais, advindos do modo capitalista que a sociedade contemporânea atualmente apregoa. Padrões capitalistas que excluem o pequeno agricultor da comercialização realizada nos mercados convencionais, forçando estas pessoas à produção de subsistência, fator que gera uma enorme desigualdade social. Tudo isso contribui para a opressão do pequeno agricultor, que com pouco capital e produção de pequena escala, não se encaixa no perfil dos favorecidos com os grandes pacotes de investimento ao agronegócio (GLIESSMAN, 2000; MIOR, 2005; TEDESCO, 2006).

Os produtores rurais da região estão localizados na planície litorânea, no espaço compreendido entre as encostas e a areia da praia, no corredor de formação Alexandra, que é constituído por depósitos de caráter continental originados do intemperismo das rochas cristalinas da Serra do Mar e sua base é arenosa ou com areia grossa, média e fina, seixos e cascalhos (MINEROPAR, 2001). Trata-se de uma faixa ecofisiológica sob alta influência marinha, apresentando alto teor de salinidade, de clima subtropical úmido, mesotérmico, média anual de 21° C. O solo classifica-se em Espodossolo e Neossolo quartzarenico em mais de 99% da área, com pH geralmente menor que quatro, com baixa CTC, e de fertilidade proporcional ao teor de matéria orgânica, com afloração do lençol freático, alagadiço, de alta sensibilidade a poluentes (ATLAS DA FLORESTA ATLÂNTICA, 2005), região com grande quantidade de áreas de proteção restringidas a uma rígida legislação ambiental, o que limita muito o manejo de produção agrícola.

Frente a tais dificuldades, a agricultura familiar busca artifícios para produzir e atender as exigências do consumidor. Um bom exemplo são as feiras livres, que colaboram diretamente na geração da renda das famílias agricultoras e evitam a presença de atravessadores, possibilitando a venda direta de produtos ao consumidor final, além de eliminar os altos custos de transporte aos centros comerciais e de embalagens refinadas para chamar a atenção do consumidor (MIOR, 2005; TEDESCO, 2006.).

A feira livre está fundamentada em princípios sociais que regem as complexas relações humanas como a ética, a confiança, o respeito e o comprometimento (CAILLÉ, 2002). Conceitos intrínsecos em uma boa relação entre o consumidor, que conhece a origem do seu alimento, e o agricultor, que deve estar ciente de sua responsabilidade na produção de um alimento nutritivo e saudável, com práticas relacionadas à segurança alimentar e nutricional, não apenas assegurando uma alimentação contínua aos indivíduos, mas também produzindo alimentos livres de elementos nocivos ao ser humano (SILVA, 2010).

A MATINFEIRA, primeira atividade de comércio alternativo para produtos agrícolas do município de Matinhos/PR, teve início com a reunião de oito famílias de agricultores do litoral Paranaense. Todas as famílias apresentavam experiência em atividade semelhante, pois também participavam semanalmente da Feira Livre de Paranaguá, principal município da região em termos de mercado consumidor. Tal processo fundamentou e concretizou informalmente a Associação de Produtores da Matinfreira, com regimento interno, reuniões periódicas e com o objetivo de incentivar agricultores, artesãos e pescadores a acessar o mercado e promover a diversificação da sua produção e

industrialização caseira. As ações culminaram na construção da Feira que teve sua data inicial no dia 05 de março de 2008.

Este relato de experiência apresenta a participação de um grupo de estudantes universitários na MATINFEIRA - Feira Livre de Matinhos/PR, por meio da gestão de uma barraca onde eram expostos, comercializados e trocados produtos agrícolas regionais. Além disso, foi possível conhecer e compreender as relações entre consumidores e mercados alternativos, e fortalecer uma proposta de produção e comercialização agroecológica no âmbito do Litoral do Paraná.

Descrição da experiência

A organização desta atividade se mostra com particular importância quando se considera que as propriedades rurais destas famílias estão inseridas em uma região com grande quantidade de áreas de proteção ambiental, sob uma rígida legislação específica e sem planos de manejo. Todos estes fatores, aliados à economia baseada no turismo sazonal de verão, caracterizam o sistema produtivo regional e fortalecem a necessidade de alternativas de produção, associativismo e comercialização para a agricultura local.

Embasados nos princípios da Agroecologia e buscando compreender a complexidade envolvida na produção e comercialização da agricultura familiar, o grupo de estudantes participou, periodicamente entre 2008 e 2010, da colheita e acondicionamento dos produtos, transporte, montagem e desmontagem das barracas e estruturas, organização e exposição de produtos, comercialização direta ao consumidor, rodas de conversa e demais atividades entre feirantes e consumidores. Os estudantes também cuidavam de uma barraca própria, chamada Barraca Agroecológica, onde trocavam e comercializavam sementes, mudas e substratos, provenientes de doações de particulares, instituições e Ong's. Os produtos recebidos nas trocas e o dinheiro da comercialização eram todos revertidos para a manutenção da barraca, novas trocas e pagamento da anuidade da Associação, não resultando em lucro individual para os estudantes.

Durante os dois anos da experiência foi possível registrar o movimento diário de pessoas e atividades, aplicar questionários para consumidores e feirantes, participar das reuniões da Associação de Produtores, aprofundar conhecimentos teóricos, realizar diagnósticos e avaliações participativas do processo entre feirantes, estudantes e docentes, dados estes que permitem avaliar a Feira Livre de Matinhos e entender os processos que envolvem este tipo de atividade.

Resultados

A participação dos estudantes nos processos da Matinfeira possibilitou intensa troca de experiências, reflexões e conhecimentos sobre a realidade da agricultura e questões inerentes à Agricultura Familiar, além de processos de autoconhecimento e autonomia, de integração entre teoria-prática, conhecimento acadêmico e sabedoria popular, além de indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, os quais são todos pontos que fundamentam não só o curso de origem dos estudantes -Tecnologia em Agroecologia, mas também o Projeto Político-Pedagógico da Universidade em que estão inseridos - UFPR Litoral.

Apesar dos benefícios iniciais, atualmente apenas seis barracas participam da atividade com dificuldade, contando com a barraca Agroecológica, consequência que justifica a

construção deste relato. Apesar do número reduzido de feirantes, outras particularidades subsidiam a análise desta experiência, como a dependência da Matinfreira a um grupo de menos de duzentas pessoas/consumidores, média verificada entre os meses de verão conforme observações registradas durante a participação desta equipe, que consomem ou circulam entre as barracas da feira. Fato que preocupa, pois o município de Matinhos conta com 29.428 habitantes (IBGE 2011). O número de habitantes apresenta incremento de até 10 vezes nos meses de temporada de verão, um fluxo intenso de turistas que poderia usufruir dos produtos ofertados na Feira.

É possível citar aqui outros fatores que também dificultam a participação dos demais agricultores na feira, ou mesmo os obrigam a reduzir a quantidade de produtos ofertados nas bancas: burocracia excessiva nos processos de legitimação e obtenção de alvará; normatização rígida e incoerente de órgãos de fiscalização sanitária; dificuldades de organização social e política dos produtores (o que poderia, se efetivado, reforçar a representação da comunidade frente à sociedade e poder público); falta de incentivos e divulgação; carência de mão-de-obra familiar, característica presente não só no litoral do Paraná, em que filhos(as) estudam longe de casa ou trabalham em outros setores de produção, entre outros.

Na busca por soluções a estes problemas, tanto em referências bibliográficas quanto em outras experiências de venda direta ao consumidor, verifica-se também problemas similares. Um dos exemplos de conflitos nos processos de comercialização direta está citado no livro de Tedesco (2006, p. 91), em que ele comenta “a dificuldade nas mudanças de hábitos produtivos, um forte desejo de lucro imediato, a falta de um conhecimento mais apurado das vantagens do associativismo, grandes fragilidades internas da organização dos próprios grupos...”, fatores que mesmo em feiras já estabelecidas com processos bem estruturados, ainda permeiam as relações sócio-econômicas destes grupos. Na Matinfreira foi evidente uma caminhada similar nas dificuldades de estruturação.

Com esse caráter de solo, de vegetação nativa, de localização, de fragilidade ambiental, com um histórico de isolamento e exclusão, é imprescindível que os produtores adotem práticas mais sustentáveis, de menor impacto ambiental e de resultados positivos. Com isso a feira poderá ter um comércio de produtos orgânicos, totalmente diferenciado para a região litorânea, atendendo uma demanda que está cada vez mais forte, garantindo a soberania alimentar de todos os envolvidos. Podemos perceber que as bases que fundamentam os eventos de comercialização direta (TEDESCO, 2006) já se instauraram na Matinfreira. Para fortalecer ainda mais a Feira, acreditamos que com mais movimentos enfatizando para todos os envolvidos a importância deste espaço, ela continue neste processo de construção permanente, ou seja, que se torne um evento contínuo, forte e sempre em busca de harmonia do humano com o seu ambiente.

Esta breve contextualização da Matinfreira representa uma ferramenta para diagnóstico da atividade de comercialização dos agricultores do litoral Paranaense. Durante o curso de Tecnologia em Agroecologia, pontos fundamentais de reflexão nos orientaram para desenhar, e com isso redesenhar, os processos voltados para a sustentabilidade dos agroecossistemas, sendo um dos principais fundamentos a compreensão do contexto histórico do local (CAPORAL e COSTABEBER, 2004; GLIESSMAN, 2005). Com isto, projetos e ações que possam ser construídos em prol da agricultura familiar, iniciam com uma enorme probabilidade de gerar benefícios sociais, econômicos, políticos, ecológicos

e educacionais para toda a comunidade.

Bibliografia citada

ADAMS, C. As Roças e o Manejo da Mata Atlântica Pelos Caiçaras: Uma Revisão; **Revista Interciência**; 2000; v.25, n.3, p. 143.

ATLAS DA FLORESTA ATLÂNTICA NO PARANÁ: ÁREA DE ABRANGÊNCIA DO PROGRAMA PROTEÇÃO DA FLORESTA ATLÂNTICA - Pró-Atlântica/Sema Paraná. Cordenação Técnica: Paulo de Tarso de Lara Pires; Sema/Programa Proteção da Floresta Atlântica Pró-Atlântica; Curitiba/PR; 2005.

BIGARELLA, J. J. Matinho: **Homem e Terra- Reminiscências...** 3ª ed.; Fundação Cultural de Curitiba; Curitiba/PR.; 2006.

CAILLÉ, A. **Antropologia do Dom: O Terceiro paradigma**. Tradução Ephraim Ferreira Alves; Editora Vozes; Petrópolis/RJ; 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. MDA/SAF/DATER-IICA; Brasília/DF; 2004.

CARDOSO, J.A.; WESTPHALEN, C. M. **Atlas Histórico do Paraná**. 2ª Ed.; Livraria do Chaim; Curitiba/PR; 1986.

FERREIRA, M. R. Comunidades Rurais de Guaratuba - Paraná: Os Limites e Possibilidades da Opção Extrativista como Meio de Vida no Contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável; Tese de Pós-graduação em Agronomia; Setor de Ciências Agrárias; UFPR; Curitiba/PR; 2010.

GLIESSMAN, S.; **Agroecologia: Processos em Agricultura Sustentável**. 3ª Ed.; Editora da UFRGS; Porto Alegre/RS; 2000.

IBGE. Disponível em <<http://ibge.gov.com.br>>, acessado em 20/06/2011;

MINEROPAR. Classificação mineral de solos do Estado do Paraná. Curitiba/PR; 2011.

MIOR, L. C. **Agricultores Familiares, Agroindústrias e Redes de Desenvolvimento Rural**; Argos; Chapecó/SC; 2005.

SILVA, J. S. Agroecologia: Base estratégica para a Segurança Alimentar. **Revista Verde**. Mossoró/RN; 2010, v.5, n.1; p.01-06, disponível em <<http://revista.gvaa.com.br>>

SOARES, C. R.; LANA. P. da C. **Baía de Paranaguá: Mapas e História**. Editora da UFPR; Curitiba/PR; 1994.

SONDA, C. Comunidades Rurais Tradicionais da Área de Proteção Ambiental Estadual de Guaratuba: Caracterização Sócio-Econômica e Utilização dos Recursos Vegetais Silvestres. Tese de Pós-graduação em Engenharia Florestal; Setor de Ciências Agrárias; UFPR; Curitiba/PR; 2006.

TEDESCO, J. C. **Agrodiversidade, Agroecologia e Agricultura Familiar**: EST edições. UFP editora; Passo Fundo/RS; 2006.